

O preservativo feminino e o SIDA



Ponto de vista da
ONUSIDA

Outubro de 1998

Factos e Números

- O equivalente do preservativo tradicional para mulheres parece uma ideia simples. Contudo, o “preservativo feminino” (utilizado dentro da vagina em vez do pénis) existe há menos de uma década. Os preservativos estão disponíveis em cada vez mais países e oferecem a promessa de reduzir a propagação do HIV e do SIDA.
- Barato e seguro, o preservativo tradicional (ou preservativo masculino) é utilizado por milhões de pessoas em todo o mundo para evitar gravidez. Até recentemente, tem sido o único método de barreira para evitar a transmissão de doenças transmitidas sexualmente (DTS), incluindo o HIV, entre dois parceiros sexuais. Se for utilizado correctamente sempre que as pessoas mantenham relações sexuais, é efectivo em mais de 95% contra a transmissão do HIV.
- O facto de que o preservativo evita a transmissão de outras DTS, tais como sífilis ou gonorreia é também importante no combate ao HIV e SIDA, porque as pessoas que tenham outra DTS são mais vulneráveis à infecção do HIV.
- Contudo, o preservativo tradicional não é sempre o método ideal para todos. Por exemplo, muitos casais não gostam de ter que interromper as relações sexuais para que o homem ponha o preservativo. Cerca de 8% das pessoas são alérgicas ao latex, o principal ingrediente utilizado na maior parte dos preservativos. E muitas pessoas acham que o preservativo reduz o prazer sexual.
- Nos programas de planeamento familiar foi provado que o alargamento das opções de métodos contraceptivos resulta em menor número de gravidezes. Verificou-se a mesma coisa quando foi experimentado o preservativo feminino. Estudos mostram que com esta nova opção de protecção há menos casos de relações sexuais desprotegidas.
- Cerca de 42% dos 22 milhões de adultos a viverem com HIV neste momento são mulheres. Contudo, a proporção de mulheres que estão a ser infectadas pelo vírus está a crescer em todas as regiões do mundo.
- Oito em cada 10 mulheres infectadas contraem o vírus por manterem relações sexuais desprotegidas com um parceiro infectado. A vulnerabilidade biológica das mulheres para com o HIV através de relações sexuais é quatro vezes maior do que a dos homens. Contudo, muitas vezes as mulheres têm pouco controlo sobre a possibilidade do homem utilizar o preservativo tradicional. Em muitas situações, as mulheres estão relutantes ou incapazes de dizer não às relações sexuais se o homem se recusar a utilizar o preservativo.
- Apesar de que geralmente é necessário o consenso de ambos os parceiros, em alguns casos o preservativo feminino pode dar à mulher mais controlo. Visto que se pode inserir horas antes das relações sexuais, pode melhorar a protecção em situações onde o consumo de álcool ou droga pode reduzir as possibilidades da utilização de um preservativo.
- O preservativo feminino é macio mas tem uma cobertura de poliuretano e forte, quase do mesmo tamanho que o preservativo masculino, mas mais largo. Um plástico redondo na ponta do preservativo mantém o preservativo fixo dentro da vagina durante as relações sexuais. Uma argola maior no princípio permanece fora da vagina, espalhando-se fora da área genital externa.
- O preservativo feminino é seguro e pode ser utilizado sem prescrição ou supervisão médica. Não é como um DIU ou a pílula, pois não causa nenhum efeito secundário tal como hemorragia ou grampos.
- O poliuretano tem menos probabilidade de se romper ou fender em comparação com o latex, substância utilizada na maior parte dos preservativos masculinos, e causa menos reacções alérgicas.
- O preservativo feminino providencia mais protecção para homens e mulheres porque cobre tanto a entrada da vagina como a base do pénis. Estas são as áreas onde as feridas das DTS facilitam a entrada do HIV.

Um outro tipo de preservativo pode realmente fazer diferença para a epidemia?

O vírus da imunodeficiência (HIV) que causa o SIDA continua a propagar-se em muitas partes do mundo, e as mulheres são cada vez mais uma proporção maior das pessoas infectadas. De 25% em 1990, a proporção das mulheres, do número total dos adultos com HIV ou SIDA, aumentou para 42% em 1995.

Nos finais de 1996, estimava-se que mais de 9 milhões de mulheres eram portadoras do vírus. Cerca de 80% delas contraiu a doença através de relações sexuais desprotegidas com um parceiro infectado. (Os desafios que emergem da maior vulnerabilidade física e social das mulheres à transmissão do HIV através de relações sexuais estão descritos abaixo). Outras contrairam o HIV através de outros meios, tais como a transfusão de sangue infectado e injeção de drogas com seringas contaminadas.

O preservativo masculino é uma parte indispensável da campanha de prevenção de infecção pelo HIV e até recentemente era a única "barreira" disponível. Hoje, a invenção do preservativo "feminino" oferece um novo método de barreira que dá às mulheres mais controlo sobre os seus corpos e providencia mais opções para se protegerem, assim como para protegerem os seus parceiros sexuais.

O preservativo feminino não substitui o masculino ou qualquer outra forma de protecção. Pelo contrário, aumenta o arsenal de armas disponíveis no combate às doenças de transmissão sexual (DTS), incluindo o HIV. Testes em várias partes do mundo sugerem que quando estiver disponível às mulheres,

o preservativo feminino reduzirá o número de relações sexuais desprotegidas e a transmissão de DTS.

O que é exactamente o preservativo feminino?

Primeiro a ideia de preservativo feminino foi proposta pelo médico dinamarquês Lasse Hessel nos meados dos anos 80. Actualmente, o preservativo está disponível e à venda em muitos países. É manufacturado pela Companhia de Saúde Feminina através da sua subsidiária Chartex International of Chicago, Illinois. Os nomes comerciais incluem Reality, Femidom e Femy.

O preservativo feminino é uma cobertura macia, mas forte, feita de plástico de poliuretano. A cobertura tem dois plásticos redondos em ambas as pontas. Uma das argolas na ponta fechada serve para ajudar a inserir e manter o preservativo no lugar contra o colo do útero. A argola na ponta aberta é ligeiramente maior e permanece fora da vagina, cobrindo tanto a genitália da mulher como a base do pénis do homem.

Os preservativos são equipados com um lubrificante aguçado que facilita a inserção e permite um movimento confortável durante as relações sexuais. Se for necessário um lubrificante adicional, qualquer tipo de lubrificante pode ser usado, incluindo produtos com base em óleo que não podem ser usados com o preservativo masculino. Actualmente os preservativos devem ser utilizados uma só vez.

Contrariamente aos diafragmas e contraceptivos orais, não é necessária

nenhuma prescrição ou assistência médica para a utilização do preservativo feminino. Não precisa de ser colocado de uma maneira especial.

A mulher coloca-o na vagina utilizando as suas mãos e pode fazê-lo a qualquer momento, horas antes das relações sexuais. A outra vantagem prática é que o preservativo feminino não tem de ser tirado imediatamente após a ejaculação. Não está ainda provado que é seguro a reutilização de preservativo feminino.

Porque duplicar o arsenal?

O preservativo tradicional é barato, está disponível em todo o sítio e é altamente eficaz se for utilizado correctamente. É a parte essencial no combate ao HIV e SIDA. Mas a decisão de usá-lo é geralmente tomada pelo homem. O preservativo feminino permite, pela primeira vez, que a mulher tome a decisão de usá-lo.

A maior parte dos preservativos comerciais são feitos de látex, uma borracha macia. Cerca de 8% das pessoas são alérgicas ao látex e, portanto, não o podem utilizar. Visto que o látex é macio, os preservativos masculinos devem ser utilizados com cuidado para não se rasgarem. Um preservativo masculino só pode ser utilizado quando o pénis estiver erecto. Para muitos casais, isto significa uma interrupção desagradável da actividade sexual. Além disso, muitos homens dizem que o preservativo reduz o prazer sexual, e por esta razão preferem não utilizá-lo.

Se o homem consumiu álcool ou droga antes das relações sexuais, é provável que se esqueça de utilizar o preservativo masculino, ou não o utilizará por falta de vontade ou porque não tem uma erecção suficiente para poder colocá-lo.

Protecção contra a gravidez

O preservativo feminino é um método eficaz de contracepção e pode ser atractivo para mulheres que querem um método não sistemático e que não tenha os efeitos colaterais que se associam aos métodos hormonais, tais como os contraceptivos orais, injectáveis ou de implante. A eficácia reportada do seu uso é similar à de outros métodos de barreira. Quando o preservativo feminino é usado correctamente em todas as relações sexuais, os casos estimados de gravidez acidental podem ter um índice tão baixo como o de 5% num período de um ano.

Isto torna este preservativo atractivo para homens e mulheres que se querem proteger de uma gravidez indesejada e do HIV. As mulheres que introduzam o preservativo feminino na sua relação como um contraceptivo podem sentir-se à vontade, sabendo, ao mesmo tempo, que estão protegidas contra o HIV/SIDA e outras DTS.

“Não pensava que podia ser tão seguro e tão confortável. Não é sequer difícil de colocar, não nos provoca nada, e o prazer é igual.”

Uma mulher que participou num estudo sobre o preservativo feminino, no México

Seguro e Confiável

Por causa do poliuretano utilizado na sua fabricação, o preservativo feminino é tão forte como durável. Não precisa de condições especiais para ser guardado porque o poliuretano não é afectado pelas mudanças de temperatura e pela humidade. Pelo contrário, o látex no preservativo masculino pode estragar-se com o calor, luz e humidade. A data de expiração do preservativo feminino é 60 meses (5 anos) depois da data em que foi fabricado.

Os investigadores testaram o risco de o preservativo feminino causar irritação ou de facilitar as bactérias ou outros problemas de saúde na vagina. Em alguns testes, os preservativos femininos foram usados para relações sexuais e depois deixados na vagina durante toda a noite, um período muito superior ao normal. Os resultados mostraram não haver complicações, o que indica que mesmo as mulheres com pele muito sensível podem usar este preservativo.

Deve haver benefícios para as mulheres que já não estão em idade de ter filhos. Um estudo recente na Grã-Bretanha indica que as mulheres que têm dores durante as relações sexuais devido à falta de humidade vaginal (particularmente as que já passaram a menopausa) podem ser ajudadas pelo preservativo feminino.

A falta de poder de negociação por parte das mulheres

Até recentemente, o preservativo masculino tradicional foi o único método de barreira disponível para prevenir a transmissão do HIV durante as relações sexuais. Se o homem se recusar a utilizá-lo, muitas mulheres não têm o poder de negociação para recusar as relações sexuais. Há muitas razões para tal. Frequentemente, é o resultado do estatuto social mais baixo das mulheres em muitas sociedades.

Muitas pessoas pensam que a mulher está em risco de contrair o HIV só se tiver muitos parceiros sexuais ou se for trabalhadora do sexo. Esta asserção é semelhante ao mito de que o HIV é uma “doença homossexual”, o que está longe da verdade. Muitas mulheres são infectadas pelo único homem com quem mantiveram relações sexuais – os seus maridos. Deve ser difícil para elas arguir contra a sua decisão, particularmente em relação a quando e como manter relações sexuais.

As mulheres que têm mais que um parceiro muitas vezes estão em pior posição para insistir na protecção. As trabalhadoras sexuais podem ter relutância em discutir com um cliente que não quer utilizar o preservativo, temendo perder dinheiro e – muitas vezes – sofrer uma reacção violenta. Nos últimos anos, a procura de parceiros sexuais não infectados

Porque duplicar o arsenal?

resultou num aumento de raparigas adolescentes a entrarem no negócio de sexo. Estas raparigas estão em posição ainda mais desfavorável para insistirem em que um homem utilize o preservativo.

[Veja também Mulheres e SIDA: Ponto de Vista da ONUSIDA].

A vulnerabilidade física das mulheres

As mulheres são cerca de quatro vezes mais vulneráveis que os homens à doenças de transmissão sexual, incluindo o HIV. Isto acontece principalmente por causa da anatomia: a área genital feminina exposta ao sémen e outros fluidos sexuais durante as relações sexuais é quatro vezes maior do que a dos homens.

As mulheres também correm maior risco de serem infectadas porque o sémen contém uma maior quantidade do vírus do que os fluidos vaginais. Como os homens, as mulheres correm um risco maior de infecção com HIV se tiverem uma DTS não tratada. Mas o problema é que as DTS nas mulheres geralmente não têm sintomas. E mulheres com gonorreia "silenciosa",

tricomonomiase ou clamídia podem tratar-se tardiamente ou mesmo nunca se tratarem.

Mais protecção tanto para as mulheres como para os homens

Qualquer coisa que reduza a propagação do HIV nas mulheres reduz a propagação nos homens e vice versa. Uma das melhores maneiras de combater DTS para ambos é reduzir o número das vezes que têm relações sexuais desprotegidas.

Um estudo da ONUSIDA feito em 1975 na Tailândia indica que a disponibilidade de preservativos femininos podem realmente reduzir relações sexuais desprotegidas. No estudo, alguns grupos de trabalhadoras do sexo somente recebiam preservativos masculinos, enquanto outros recebiam tanto masculinos como femininos. Os grupos que receberam os dois tipos de preservativos tiveram menos relações sexuais desprotegidas e tiveram um terço menos de DTS do que os que receberam somente preservativos masculinos.

Tanto a vulnerabilidade dos homens como a das mulheres ao HIV é maior por causa das úlceras genitais causadas por DTS, tais como sífilis e herpes. O facto de que o preservativo feminino cobre grande parte dos órgãos genitais femininos (vagina, colo do útero e vulva) e a base do pénis aumenta a protecção para ambos os parceiros.

Na maior parte dos casos, a utilização do preservativo feminino requererá o consentimento de ambos os parceiros, mas dá à mulher mais controlo. Visto que pode ser inserido várias horas antes das relações sexuais, pode providenciar protecção em situações onde o consumo de álcool ou drogas pode reduzir a possibilidade de ser utilizado um preservativo masculino.

As grandes perguntas: como é que a pessoa se sente e quanto custa?

Ninguém quer utilizar um produto que seja desconfortável, por isso foram feitos mais de 40 estudos sobre o que é que as utilizadoras e os seus parceiros acham sobre os preservativos femininos. Os resultados desta pesquisa variaram de região para região e de estudo para estudo, mas, em geral, o preservativo feminino é aceitável para muitas mulheres e homens. Este é o caso principalmente quando já estão familiarizados com o preservativo masculino. Apesar de que muitos homens preferiam o preservativo masculino, poucos acharam que o preservativo feminino é desconfortável.

Num amplo estudo cobrindo quase 600 mulheres de zonas urbanas e rurais na África do Sul, 84% delas disseram que no futuro utilizariam o preservativo feminino. 47% destas mulheres disseram que os seus parceiros ou gostavam do preservativo feminino, ou não tinham problemas com a sua utilização.

A prática facilita

Uma das constatações após os testes foi a de que pouca prática faz uma grande diferença no que as mulheres pensam sobre os preservativos femininos.

As instruções nos pacotes sugerem que as mulheres tentem três vezes antes de se decidir se gostam ou não. A queixa mais frequente sobre os preservativos é que parecem demasiado longos e são difíceis de inserir na primeira vez. Algumas mulheres afirmaram que sentem desconforto nas argolas. Estes problemas foram resolvidos ou reduzidos pela utilização frequente do preservativo. Em muitos estudos, o uso do preservativo feminino aumentou o prazer sexual para muitos homens e mulheres.

Não é só fisicamente

A aceitabilidade não depende somente da sensação física. Em vários estudos, constatou-se que as mulheres que temessem estar sob o risco de infecção de DTS pareciam mais inclinadas a aceitar o preservativo feminino. Um grupo de trabalhadoras do sexo que passaram por testes, na França, disseram que estavam mais confortáveis com o preservativo feminino porque sabiam que o poliuretano é mais forte que o látex e, portanto, estavam confiantes que não haveria ruptura. Ao mesmo tempo, um outro grupo de trabalhadoras do sexo no Zimbabwe estavam preocupadas pelo facto de que a aparência da parte do preservativo feminino que fica fora da vagina podia "apagar" os seus clientes.

"A disponibilidade de mais opções de prevenção levará a utilizadores mais satisfeitos, e conseqüentemente, mais prevenção de HIV."

Christopher J. Elias,
O Conselho da População

O preço certo

Mesmo que mais fabricantes entrem no mercado, o preservativo feminino provavelmente custará sempre mais caro para produzir do que o preservativo masculino. O poliuretano é mais caro que o látex e utiliza-se maior quantidade. Da mesma maneira, o processo de fabricação é mais caro, mesmo quando se produz em grandes

quantidades. Quando está inteiramente à mercê dos mercados comerciais, o preço de preservativos femininos nos países em desenvolvimento é entre US\$2 e US\$3. Este preço é muito alto para as populações que provavelmente podem beneficiar dele. Um estudo no Zimbabwe constatou que a maior parte das mulheres estavam preparadas para pagar o máximo de 25 centimos zimbabweanos (US\$ 0.03) pelos preservativos femininos. Por outro lado, os preservativos masculinos vendiam-se a cerca de 15 centimos zimbabweanos.

Recentemente, a ONUSIDA fez uma pesquisa de organizações em países em desenvolvimento para estimar a procura nos diferentes preços. Dados de 60 países sugerem que há uma procura global de preservativos femininos a um custo amplamente aceitável.

Venda a um preço do sector público

Para tornar os preservativos femininos mais acessíveis, a ONUSIDA negociou um programa com o produtor destes preservativos, Companhia da Saúde Feminina, baseado em preços de compra garantida para as agências do sector público em países em desenvolvimento. Este preço para 1997, é menos de US\$1, e pode ser reduzido nos anos seguintes se as vendas continuarem a aumentar. Em 1997, foram comprados mais de 4 milhões de preservativos femininos por 16 países em desenvolvimento, através deste acordo.

Mesmo com preços acessíveis serão necessárias campanhas de informação para educar as mulheres sobre o

As grandes perguntas: como é que a pessoa se sente e quanto custa?

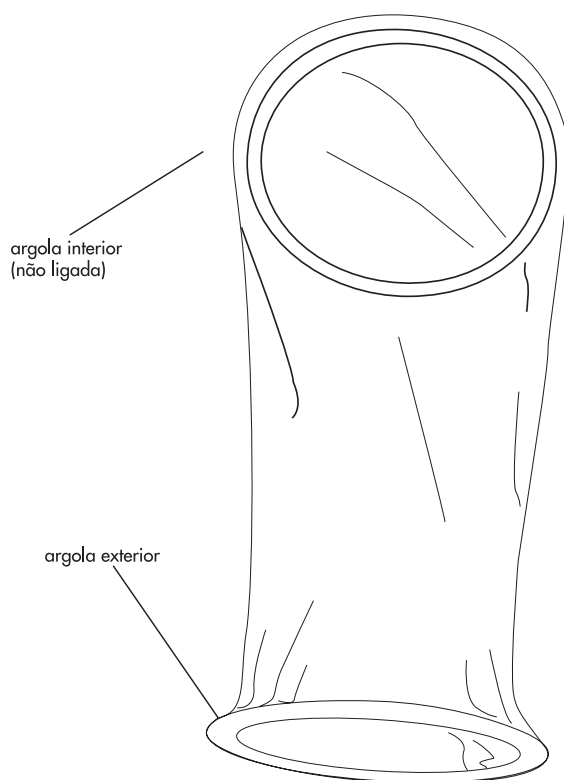
preservativo feminino. Os homens também devem ser alvo de informação, visto que a sua cooperação é necessária para a aceitação geral.

Também será necessária formação para os trabalhadores da saúde e os conselheiros para que estes apresentem o preservativo feminino aos utilizadores potenciais de uma

maneira positiva e capacitadora. Nos países onde o preservativo feminino foi distribuído com êxito, quer no sector público, quer no privado, foram usados canais tais como as consultas de planeamento familiar, farmácias, supermercados, salões de cabeleireiro e outros lugares que os países acharam pertinentes.

“O preservativo feminino não substitui o masculino, mas dá as mulheres uma opção adicional para se protegerem e para protegerem os seus parceiros.”

Peter Piot,
Director Executivo da ONUSIDA



O preservativo feminino

Colecção Boas Práticas da ONUSIDA

O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/SIDA (ONUSIDA) está a elaborar materiais sobre materiais de relevância para a infecção pelo HIV e SIDA, as causas e consequências da epidemia, e as boas praticas na prevenção, cuidados e apoio relativamente ao SIDA. Um documento da Colecção de Boas Práticas sobre qualquer matéria inclui normalmente uma breve publicação para jornalistas e líderes comunitários (Ponto de Vista da ONUSIDA); um resumo técnico sobre os assuntos, desafios e soluções (Actualização Técnica); estudos de caso procedentes de todo o mundo (Estudos de Caso de Boas Práticas); um conjunto de gráficos de apresentação e uma lista de materiais essenciais (relatórios, artigos, livros, audiovisuais, etc.) sobre a matéria em causa . Estes documentos são actualizados sempre que necessário.

As Actualizações Técnicas e os Pontos de Vista são publicados em Inglês, Francês, Espanhol e Russo. Exemplares das publicações Boas Práticas estão disponíveis gratuitamente nos Centros de Informação da ONUSIDA. Para encontrar o centro mais próximo, visite a ONUSIDA na Internet ([http:// www.unaids.org](http://www.unaids.org)), contacte a ONUSIDA pelo e-mail (unaids@unaids.org)ou pelo telefone (+41 22 791 4641) ou escreva para o Centro de Informação da ONUSIDA: 20 Avenue Appia, 1211 Geneva 27, Switzerland. Os jornalistas que procurem mais informação sobre o Ponto de Vista da ONUSIDA poderão contactar o Gabinete de Imprensa de Genebra da ONUSIDA (+41 22 791 4577 ou 791 3387).

O preservativo feminino e o SIDA: Ponto de Vista da ONUSIDA (Colecção Boas Práticas da ONUSIDA: Ponto de Vista).
Genebra: ONUSIDA, Outubro de 1998.

1. Síndrome de imuno - deficiência adquirida - transmissão
2. Síndrome de imuno - deficiência adquirida - prevenção e controle
3. O preservativo feminino

WC 503.6

© Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/SIDA 1997. Esta publicação pode ser livremente citada, citada, reproduzida, ou traduzida, parcial ou integralmente, desde que se mencione a sua origem. Não pode ser vendida ou usada com fins comerciais sem autorização prévia por escrito da ONUSIDA (contacto: Centro de Informação da ONUSIDA, Genebra-vide acima).

As opiniões expressas cujo autor é citado pelo nome são da exclusiva responsabilidade deste.

As denominações empregues nesta publicação e a forma sob a qual são apresentados os dados que nela figuram não implicam, por parte da ONUSIDA, qualquer juízo sobre o estatuto jurídico de países, territórios, cidades ou zonas, ou sobre as suas autoridades, nem sobre o traçado das suas fronteiras ou limites. A referência a empresas ou a produtos comerciais não implica que a ONUSIDA os aprove ou recomende de preferência relativamente a outros da mesma natureza que não estejam mencionados. Salvo erro ou omissão, uma letra inicial maiúscula nos nomes de produtos indica que são de marca registada.